

ENTREVISTA COM O ESCRITOR MATO-GROSSENSE

IVENS CUIABANO SCAFF

NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO...

“UMA MANEIRA SIMPLES DE VOAR”...

Lucila Tereza Rockenbach Manfroi*

lucilamanfroi@yahoo.com.br

Antonio Aparecido Mantovani**

amantovani@unemat.br

Figura 1 - Ivens Cuiabano Scaff



Fonte: Site da Academia Mato-grossense de Letras.

Ivens Cuiabano Scaff é escritor, professor e médico. Reside e trabalha em Cuiabá, sua terra natal. Foi criado no Bairro do Porto, onde partidas e chegadas de lanchas eram frequentes em sua infância. O escritor diz que o gosto pela literatura vem da infância, pois seus pais sempre lhe ofereciam livros. O autor conta que quer passar este gosto a seus leitores através da escrita de seus livros, pois além das obras já publicadas, afirma que há muita história ouvida ou inventada por ele que ainda pretende escrever.

* Bolsista Capes/Mestranda em Linguagens e Letramento do Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS (2016-2018) – da Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, Brasil. Professora da educação básica de Língua Portuguesa/Literatura da Secretaria Estadual de Educação - SEDUC, lotada na Escola Estadual “Nova Canaã”; Nova Canaã do Norte-MT.

** Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Professor titular na Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, Brasil, atuando no Curso de Letras e nos Programas de Mestrado em Letras (Profissional e Acadêmico), e orientador de Lucila Tereza Rockenbach Manfroi, coordenadora do projeto de pesquisa e intervenção que originou esta entrevista.

O autor que tem obras publicadas em verso e prosa, ocupa a cadeira número sete da Academia Mato-Grossense de Letras. Seus livros destinam-se, sobretudo, ao público infantil e juvenil, e, à criança que existe em cada adulto. Algumas publicações: **Infantil e juvenil** - *Mamãe, sonhei que era um menino de rua* (1996); *A fábula do quase frito* (1997); *Uma maneira simples de voar* (1997 e 2006); *O papagaio besteirento e a velha cabulosa* (1999); *O Menino órfão e o menino rei* (2008); *A mamãe das cavernas e a mamãe loba* (2012). **Poesia** - *Mil Mangueiras* (1988); *Kyvaverá* (2011); *Asas de Ícaro* (2016). **Antologia** - *A nova poesia de Mato Grosso* (1986, Antologia de poemas); *Na margem esquerda do rio: contos de fim de século* (2002, Antologia de contos); *Fragmentos da Alma Mato-grossense* (2003, Antologia de poemas).

A ideia desta entrevista com o escritor Ivens surgiu a partir da aplicação do projeto de mestrado Profletras¹. *Macauã*² é um dos contos em estudo. Conhecemos pessoalmente o autor na 2ª Flic, Festa literária de Chapada, em Chapada dos Guimarães-MT, em 12 maio de 2017. Ivens foi um dos autores homenageados. Como o escritor participaria do XIII Varal de Poesia da Unemat em Sinop-MT, no final do mesmo mês (maio de 2017), combinamos que os alunos do nono ano da Escola Estadual “Nova Canaã” (município de Nova Canaã do Norte-MT), participantes do projeto, iriam até Sinop para um bate-papo com o escritor. Como a ida dos estudantes ao Varal de Poesia acabou não se concretizando, ficou combinado, de elaborarmos uma entrevista, com perguntas predominantemente elaboradas pelos alunos, que seria enviada via e-mail ao escritor. Assim, realizamos leituras de outras obras do autor que adquirimos na 2ª Flic e organizamos a entrevista (os autores das questões estão especificados entre parênteses após as mesmas). Ivens gentilmente aceitou o convite da entrevista respondendo-nos por e-mail.

Revista ECS: Escritor Ivens, conte-nos um pouco de sua infância e de sua juventude em Cuiabá. (Iris Rodrigues e Mayume Gil Alves)

Ivens Cuiabano Scaff: O mundo mudou tanto que o que vou escrever pode parecer ficção. Começo dizendo que era um mundo independente dos pais. Criança não se metia em assunto de adultos, mas por outro lado o mundo das crianças era um mundo paralelo. Tínhamos uma obrigação, chegar em casa quando escurecesse. Fora isso a liberdade era total apesar de

¹ Título do TCF: **Letramento literário: o conto mato-grossense contemporâneo na sala de aula**. Disponível em: <http://portal.unemat.br/?pg=site&i=profletras-sinop&m=trabalhos-de-conclusao>

² SCAFF, Ivens Cuiabano. *Macauã*. In: CARVALHO, Juliano Moreno K. de.; LEITE, Mário Cezar Silva, (Sel. e org.). *Na margem esquerda do rio: contos de fim de século*. São Paulo: Via Lettera, 2002. p. 71-83.

vigiados pelo suporte familiar e social, vizinhos, empregados, parentes. Todos conhecidos e atentos a nossa segurança. Mas quem comandava as atividades éramos nós, as crianças. Quase um código de honra não ficar dando “parte” para os adultos.

A minha infância em Cuiabá era um pouco diferente por ser morador do bairro do Porto. Enquanto as crianças da cidade só vinham ao Porto acompanhadas dos pais para pescar ou, quando chegavam as lanchas que faziam o comércio fluvial, para nós, a convivência com o rio era muito estreita. Zanzávamos por onde queríamos. A segurança era garantida pelas lavadeiras da Pedra 21 e pelos pescadores que eram todos conhecidos. Tomávamos banho de rio sozinhos ou juntos, à tarde, quando as famílias também iam. Brincadeiras aquáticas. Lendo agora sobre brincadeiras indígenas para o meu próximo livro *Além Tordesilhas*, vejo muitas semelhanças. Pescarias, passeios de canoa. E claro a chegada das lanchas que era um acontecimento que envolvia toda a cidade. Os quintais também eram um universo sem limites já que se comunicavam com os vizinhos por cercas de arame farpado e muros facilmente transponíveis.

Tínhamos alguns medos. De borracheiros que eram os trabalhadores dos seringais que quando vinham para cidade gastavam todo o dinheiro com bebidas. Esse medo era estimulado pelos adultos. Hoje entendo que eram preocupados com assédio sexual. Também tínhamos medo de ciganos que tinham fama de roubar crianças. Curioso é que meu pai toda vez que chegavam ciganos logo convidava os chefes para almoçar. O circo também era um grande acontecimento, assim como as matinés e os seriados no Cine São Luiz. O que eu mais gostava era o seriado *Os cavaleiros do Rei Arthur e a tábua redonda*.

Um outro medo era de que o morro de Santo Antonio fosse um vulcão. Até tenho um texto que já foi encenado pelos alunos do colégio Médici *O menino chorão e o morro que era vulcão*, mas permanece inédito como livro.

Revista ECS: Qual é a origem de seu sobrenome *Cuiabano*? (Iris Rodrigues e Felipe Aparecido Miranda)

Ivens Cuiabano Scaff: A minha família tem uma característica interessante. Sempre nasceram mais mulheres que homens e por duas vezes o sobrenome *Cuiabano* esteve por desaparecer. Nessas ocasiões houve uma combinação de trocar os sobrenomes paternos e maternos. Em uma ocasião em vez de Cuiabano Fernandes, Fernandes Cuiabano e outra em vez de Cuiabano Pereira, Pereira Cuiabano. Mas isso é contraditório, porque a versão mais aceita é que meu bisavô João Luiz Pereira que lutou, e foi atingido e, condecorado na guerra

do Paraguai, teria ganho o apelido de tenente Cuiabano que foi incorporado ao seu sobrenome. Mas também já li alguns textos históricos muito antigos em que são citadas pessoas com esse sobrenome.

Revista ECS: De onde veio o seu gosto pela leitura? Quais os principais livros, histórias e escritores você gostava de ler quando era criança? E hoje, quais livros ou escritores gosta de ler? (Anna Kelly Garcia da Silva e Luiz Felipe Ribeiro de Souza)

Ivens Cuiabano Scaff: Meu acesso aos livros era por uma boa biblioteca que tínhamos em casa e por Vovô Alexandre, um dos muitos avós posições que eu tinha. Acho que ele teve uma livraria que faliu porque toda vez que eu ia na sua casa, ele ia num quarto fechado e de lá voltava com um livro.

Gostava muito dos livros de Hans Cristhian Andersen, e dos irmãos Grimm. Lia e relia a literatura infantil e juvenil de Monteiro Lobato. Gostava também de Júlio Verne. Mais tarde tive uma fase de ler ficção científica de Arthur Clarke e Ray Bradbury.

Já adulto acho que li todas as obras do ciclo Arthuriano que caíram no meu colo. Também gosto de ler e reler a *Ilíada* e a *Odisseia*. Gosto muito dos poetas Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles e claro, Fernando Pessoa, Quintana e Paulo Leminski. Dos poetas mato-grossenses leio e releio D. Aquino Correa e gosto muito de Aclyse Mattos e Odair de Moraes. Vocês também precisam conhecer as obras das grandes poetisas Lucinda Persona, Luciene Carvalho e Marta Cocco. Admiro Machado de Assis e dos novos: Milton Hatoum. Ainda estou aloitando³ com *Grande Sertão, Veredas* de Guimarães Rosa e gostaria de ter escrito *Miguilim*.

Revista ECS: As lendas do *Minhocão* e do *Negrinho d'água* são mencionadas em alguns de seus textos. Alguém lhe contava estas lendas quando era criança? Como teve acesso a elas? (Matheus Ribeiro Lizot e Lucila Tereza Rockenbach Manfroi)

Ivens Cuiabano Scaff: Essas lendas fazem parte da nossa tradição oral assim como a *Porca com os sete porquinhos*. Dunga Rodrigues⁴, publicou um livro chamado *Cuiabá - roteiro de*

³ Do verbo aloitar: lutar, pelear.

⁴ Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Cuiabá-MT, 15/07/1908 - Santos-SP, 06/01/2002), foi professora, escritora, musicista, também membro da Academia Mato-Grossense de Letras.

lendas em que reúne as principais lendas inclusive as contadas pela velha Ozébia. O minhocão é quase uma realidade entre as crianças ribeirinhas.

Revista ECS: Como foi que começou a escrever? Quem te incentivou a escrever, a ser escritor? (Erica Araujo da Costa e Sabrina Farias da Cruz)

Ivens Cuiabano Scaff: Sempre escrevi aquelas poesias “cafonas” e emocionadas nas páginas finais do caderno. Mas o meu respeito e admiração pelos meus queridos escritores me inibiam. Acho que pelo contrário, deveriam servir como estímulo. Por outro lado, eu me ressentia de não ver as nossas paisagens e nossa gente nos livros que lia.

O pontapé inicial para escrever para crianças foi um pedido de alguém do Sesc para escrever um pequeno texto sobre o minhocão. Comecei e o texto foi crescendo e resultou no livro *Uma maneira simples de voar*.

Revista ECS: Há em especial, algum autor ou obras que foram determinantes como motivação para que você se tornasse um escritor? (Antonio Aparecido Mantovani)

Ivens Cuiabano Scaff: Ainda estou correndo atrás de me tornar um escritor, mas com certeza Andersen e Lobato.

Revista ECS: Como surgem as ideias para escrever seus livros? Você escreve todos os dias? Quanto tempo por dia ou semana dedica à escrita? (Helen Beatriz Diodato Leal, Hellen Carolinny da Silva Carginin e Gabriel Antoni Dellatesta da Mata)

Ivens Cuiabano Scaff: Sou médico e professor, e então vocês imaginam como é difícil encontrar um tempinho para escrever. As histórias vão surgindo em vários momentos e eu vou decorando e acrescentando até ter a chance de passar para o computador. Também converso muito com meus amigos sobre os enredos. Peço opinião, embora a maior parte das vezes escolho a minha própria ideia (riso).

Agora pela primeira vez estou escrevendo um livro sob encomenda. Uma ficção sobre fatos históricos: A chegada em 1678 de Antonio Pires de Campos aos 12 anos, em Cuiabá e, seu encontro com os Bororos na foz do rio Coxipó. Vocês então concordam que não posso dar um furo muito grande a respeito de datas, de costumes de bandeirantes e de índios.

Tenho lido muita coisa e cada vez me sinto mais incapacitado para escrever esse livro. Mas vamos em frente. Vai se chamar *Além Tordesilhas* ou *Além de Tordesilhas*.

Revista ECS: Sua formação e atuação como médico lhe auxiliam de alguma forma quando está criando, escrevendo um livro? (Eduarda Rockenbach Manfroi e Mayume Gil Alves)

Ivens Cuiabano Scaff: Até agora nem me auxiliou, nem atrapalhou. Apesar de ser muito trabalhoso e angustiante, escrever também é um prazer muito intenso. Até aqui, escrever foi como a “hora do recreio”. Mas tenho sentido uma responsabilidade maior à medida que meus livros são lidos e estudados.

Pra não dizer que minha escrita não tem nada a ver com a atividade médica, inventei um médico chamado Dr. John, completamente irritado, insuportável, a beira de um ataque de nervos. Estou me divertindo com ele, mas às vezes fico com medo.

Revista ECS: Você criou algum personagem ou história com base em uma pessoa ou fato real? Ou mesmo autobiográfico? Você acha que pessoas reais podem render boas histórias? (Emanuelle Moraes Freund da Costa e Helen Beatriz Diodato Leal)

Ivens Cuiabano Scaff: Tóti, Antonio Pires de Campos, é uma figura histórica, mas estou “inventando” suas características e suas atitudes.

Apesar de eu ser médico, Dr. John não se parece nem comigo, nem com meus colegas. Graças a Deus. Eu nem seria amigo dele se ele fosse real.

Escuto histórias no meu consultório tão interessantes, algumas muito sofridas que dariam um bom conto ou romance. Uma paciente brincou comigo que a vida dela daria mais que um caso especial de TV, daria uma série brasileira.

Mas uma obra de arte depende muito mais de como é elaborada do que do conteúdo escolhido. Uma obra de muita importância na literatura mundial: *Ulisses* de James Joyce, se passa nas 24 horas de um único dia.

Revista ECS: Sabemos que Marcelo Velasco ilustrou alguns de seus livros. Como é esta parceria com o ilustrador? (Felipe Aparecido Miranda e Lucila Tereza Rockenbach Manfroi)

Ivens Cuiabano Scaff: Com cada ilustrador é de uma maneira. Com Marcelo Velasco, que é meu amigo pessoal, a conversa não acaba nunca. Ainda mais que ele, além de artista plástico,

é arte-educador com pós-graduação na área. Foram muito boas as nossas andanças para fotografar um carro de boi para ele usar em uma ilustração do livro *Uma maneira simples de voar*. Já no livro *Mamãe loba e a mamãe das cavernas* ele usa todo o seu conhecimento de história da arte para fazer uma trajetória visual, desde as pinturas rupestres passando pelo figurativismo até chegar ao grafite.

Com o artista Jonas Barros escolhemos obras prontas que dialogam com o texto. O mesmo aconteceu com o artista plástico Adir Sodré.

Já com Wander Antunes, quadrinista e escritor, que assina a próxima minissérie da TV Globo, *O Zózimo*, a gente conversava muito sobre cada ilustração.

Já no livro *O menino órfão e o menino rei* utilizamos marionetes construídas pelo Carlão dos Bonecos para a versão teatral e fotografamos as cenas.

Tento sempre fazer uma dobradinha com as artes plásticas nas capas e ilustrações, pois temos artistas excelentes em Mato Grosso.

Revista ECS: Você é nacionalmente conhecido como um escritor mato-grossense. É possível apontar algo que diferencia a obra de um autor de Mato Grosso? Você acha que a literatura mato-grossense tem alguma especificidade que a diferencia das demais? (Antonio Aparecido Mantovani)

Ivens Cuiabano Scaff: Pergunta difícil de responder. Não sei nada de teoria literária para responder. Quanto a ser nacionalmente conhecido ainda não cheguei lá. Publicar um livro é muito difícil. A distribuição é mais difícil ainda. Não conseguimos nem chegar às escolas do nosso estado apesar de haver uma lei nesse sentido. As nossas editoras, a *Entrelinhas* e a *Tanta Tinta* enfrentam grandes desafios. As grandes editoras nacionais não têm uma porta de entrada para os nossos livros.

A autora de *Harry Potter* estava desempregada enquanto escrevia a série de livros, ou seja, dedicava-se somente à escrita. Mas isso foi na Inglaterra. Não conheço um exemplo correspondente aqui. Mas isso não é razão para desistir. O poeta português Fernando Pessoa não conseguiu ganhar nenhum prêmio e era praticamente inédito quando morreu. E hoje não podemos falar de literatura da língua portuguesa sem mencioná-lo.

UM POUCO SOBRE ALGUNS LIVROS LANÇADOS...

Revista ECS: Como foi e de onde surgiu a ideia da criação do personagem Bugrinho do conto *Macauã*? (Luana Ferreira Domingos e Pedro Oscar Ocon Kawakame)

Ivens Cuiabano Scaff: Queria falar sobre crueldade infantil. E gosto muito de um conto adulto de Monteiro Lobato chamado *Negrinha* em que a menina tem que engolir um ovo extremamente quente sob as ordens da sinhá. Gosto também de um conto do escritor da ficção científica Ray Bradbury chamado *Todo o verão em um só dia* que se passa em Marte. Juntei os dois, transferei a história para a região do rio abaixo (rio Cuiabá) usando a natureza de uma usina de aguardente e açúcar que meu pai tinha, a usina São Sebastião.

Revista ECS: A corrutela *Estirão Bonito* do conto *Macauã* existiu, existe com outro nome, ou foi totalmente inventada? (Eduarda Rockenbach Manfroi e Hiran Patrick de Oliveira)

Ivens Cuiabano Scaff: Estirão é um trecho de rio sem curvas. Os estirões costumam ter nome. Por exemplo, existe uma canção de siriri que diz “Estirão da Bela Vista, onde os meus olhos navegam”. Não sei se é tradicional ou foi criada pelo teatrólogo Luiz Carlos Ribeiro. Outro dia passei pela Usina e não reconheci nada. Mas continua existindo no conto. Enfim, como disse o grande Guimarães Rosa, como é que pode ser mentira uma coisa que foi totalmente inventada?

Revista ECS: Quando se busca na internet pelas obras publicadas por você, além de outros livros infantis e juvenis, encontramos um intitulado *Bugrinho*. Seria ele o personagem Bugrinho do conto *Macauã*? Ou há outro texto que publicou com este nome? (Eduarda Rockenbach Manfroi e Lucila Tereza Rockenbach Manfroi).

Ivens Cuiabano Scaff: O conto do Bugrinho está publicado numa antologia organizada pelo poeta e professor Juliano Moreno e se intitula *Na margem esquerda do rio: contos de fim de século*. Para falar a verdade não me lembro se o título saiu por fim como *Bugrinho* ou *Macauã*. Tem a ver com o final do conto. É o mesmo conto sim. E é pra mim uma grande alegria vocês resgatarem do pó de uma biblioteca este conto que gosto por vários motivos. Um deles é que o capitão lembra meu pai.

Revista ECS: Ivens, numa conversa informal que tivemos, você disse que havia escrito um final (não publicado) para o conto *Macauã*. Um amigo leu e sugeriu a você que mudasse o

final. Então você criou o desfecho que foi publicado. Poderia falar sobre isto? (Lucila Tereza Rockenbach Manfroi)

Ivens Cuiabano Scaff: É verdade. No conto *Todo o verão em um só dia* a personagem principal sofre muito em decorrência do *bullying*. Naquela época o termo não era muito conhecido. Nem eu conhecia. Apesar de minha avó sempre usar o termo bulir. Essa história aconteceu com o Wander Antunes que citei acima. Ele ficou muito emocionado com a morte do Bugrinho (primeira versão). Muito emocionado mesmo. Então fui reler o conto e vi que o final mais lógico, mais coerente com todo o desenvolvimento do conto era transformá-lo em um gavião, macauã. Pronto, contei o final. Mas acho que vocês já leram.

Revista ECS: Como surgiu a ideia de escrever o livro *Uma maneira simples de voar*? (Hiran Patrick de Oliveira e Matheus Ribeiro Lizot)

Ivens Cuiabano Scaff: Esse livro nasceu como um pequeno relato sobre a lenda do minhocão. Mas à medida que eu ia desenvolvendo o livro, as personagens foram surgindo. A menina perguntadeira, a Ade, é o princípio feminino, a intuição. Tanto que ela atravessa o labirinto seguindo o cheiro da banana frita. Essa personagem exigiu um personagem masculino, Andriel, o racional, cujo nome foi criado a partir de Andros (homem) com o sufixo EL que é usado para designar os anjos: MiguEL, RafaEL, GabriEL... Eu estava estudando psicologia na época, os princípios opostos, do *Yin* e do *Yang*.

Vejam como a gente se diverte enquanto engendra o livro.

Revista ECS: Os nomes das personagens **Amis** e **Ade** do livro *Uma maneira simples de voar* foram criados desde o início com a intenção de formar a palavra **Amizade**? (Eduarda Rockenbach Manfroi e Pedro Oscar Ocon Kawakame)

Ivens Cuiabano Scaff: Não me lembro (riso). A ideia era formar uma dupla: a menina perguntadeira com um velho que tinha o saber da natureza e da vivência. Às vezes o texto tem vida própria. Deixo para a professora Lucila destrinchar esse mistério (riso).

Eu precisava também de alguém para fazer par com Andriel. Aí surgiu a velha benzedeira. O nome Brancaflor foi escolhido porque as misteriosas mulheres das lendas do Rei Arthur tinham essa designação.

Revista ECS: Você realizou alguma pesquisa para criar o poema *Kyvaverá* que está publicado no livro homônimo? Qual a origem do termo *Kyvaverá*? (Luana Ferreira Domingos e Luiz Felipe Ribeiro de Souza)

Ivens Cuiabano Scaff: Eu não realizei, mas o historiador Paulo Pitaluga sim. Apesar de Cuiabá ser território bororo, o termo *Kivaverá* é guarani. Mas hoje o nosso idioma oficial é o português e vivemos falando inglês a três por dois.⁵ Num documento espanhol é citado o *Arroyo Kivaverá*. Vale a pena conhecer essa pesquisa. Mas o assunto continua polêmico com várias outras versões.

Revista ECS: Fale-nos um pouco de seu último livro publicado. Por que o título *Asas de Ícaro*? (Sabrina Farias da Cruz e Luiz Felipe Ribeiro de Souza)

Ivens Cuiabano Scaff: É um livro de poemas sobre enamoramento e seus contrários. São poemas com uma pegada às vezes romântica, às vezes irônica. O título *Asas de Ícaro* se refere à lenda de Ícaro, cujo pai construiu asas com penas grudadas com cera e mel para que eles pudessem fugir voando de uma ilha. Tudo teria dado certo, mas Ícaro, apaixonado pela beleza do Sol, aproximou-se cada vez mais dele e assim as suas asas se desprenderam e ele caiu do céu.

Revista ECS: Em seus textos: *Macauã*, *Uma maneira simples de voar* e *Asas de Ícaro* há uma presença considerável de personagens com asas. Você tem alguma explicação para isso? (Anna Kelly Garcia da Silva e Lucila Tereza Rockenbach Manfroi)

Ivens Cuiabano Scaff: Gosto muito de pássaros, mas só fui notar essa coincidência depois. Também a Maria Teresa, editora da *Entrelinhas*, notou uma presença considerável da palavra *Azul*. Não sei explicar.

Revista ECS: Ivens, há plano, projeto para republicar histórias como *Mamãe, sonhei que era um menino de rua*; *A fábula do quase frito* e, *O papagaio besteirento e a velha cabulosa*, já esgotados? (Lucila Tereza Rockenbach Manfroi)

⁵ Expressão que significa “frequentemente”. Ou seja, utilizamos com frequência expressões da língua inglesa.

Ivens Cuiabano Scaff: Estamos pensando em republicar *A fábula do quase frito* com ilustração do mesmo Wander Antunes, porém com novas ilustrações.

Revista ECS: Há algum plano, projeto, para a escrita do próximo livro? (Emannuelle Morais Freund da Costa e Luana Ferreira Domingos)

Ivens Cuiabano Scaff: Como disse, estou trabalhando no *Além Tordesilhas*, mas não consigo terminar a pesquisa. Já li sobre brincadeiras indígenas, constelações indígenas, sobre o funeral bororo, um dos mais longos do mundo. Um chefe bororo convidou Rondon a ir morrer na Aldeia, pois só eles seriam capazes de fazer um funeral à altura. Estou lendo Affonso Taunay, os três volumes da história das bandeiras paulistanas. Fui parar até no poema da Virgem que José de Anchieta escreveu nas areias. O duro é que muitas informações eu vou usar em apenas uma frase ou mesmo não usar.

Agradecemos a todos os alunos do nono ano da Escola Estadual “Nova Canaã”, que participaram da entrevista, pela disposição em realizar este trabalho. Agradecemos imensamente ao escritor Ivens Cuiabano Scaff pelo carinho, atenção e gentileza em nos conceder esta entrevista. Finalizamos com as palavras do escritor: “Livros são como as pessoas: cada qual tem sua história” (SCAFF, 2006), assim, seja você adulto, adolescente ou criança, leia e releia seus livros favoritos, solte sua imaginação e descubra neles “uma maneira simples de voar.”

Entrevista realizada entre 06 de julho e 13 de agosto de 2017.

Recebido em 13 de outubro de 2017. Aprovado em 29 de outubro de 2017.